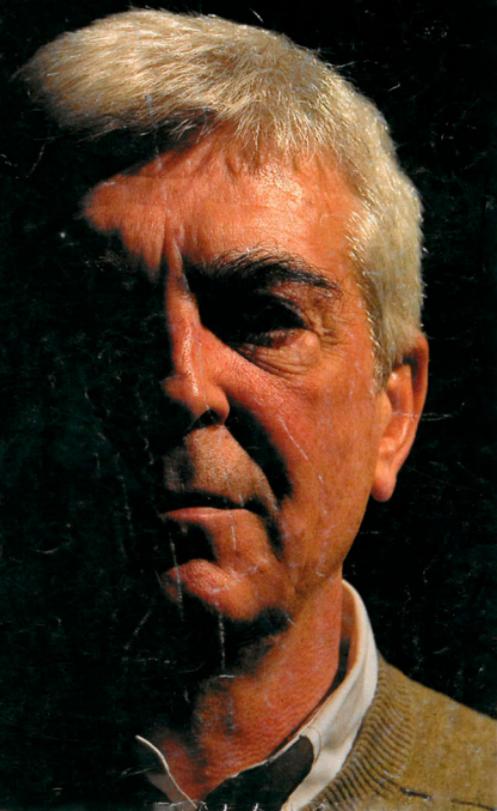


**Luís Miguel Cintra**  
**O privado,**  
**o afectivo**  
**e o espectáculo**

**Pública 24.02.08**





## Joana Astolfi Está sempre a falar de transversalidade

*Arquitecta de formação, trabalha como designer de interiores, mas está sempre a falar em transversalidades. Já projectou casas, restaurou lojas e organizou exposições internacionais. Continua, porém, à procura da fórmula mágica. Texto de Luís Maio Fotografia de Rui Gaudêncio*

**J**oana Astolfi é a face da recém-inaugurada loja lisboeta do Armazém de Arquitectura. O que ela faz é gerir um negócio de decoração, que consiste em comprar espaços de luxo, a partir dos melhores catálogos de design do planeta. É um trabalho fino e reservado a meia dúzia de especialistas, quando exige bagagem académica e capacidade de cruzar agulhas em áreas como a arquitectura, o design e as artes plásticas. O género de exercício multidisciplinar, precisamente, que Joana assumiu desde muito cedo como uma ginástica para a vida. Ela é o estilo de rapariga que sai aos seus, ou melhor, que encontrou uma vocação cruzando as dos seus progenitores. O pai, arquitecto de origem brasileira, aterrou aos trinta e poucos anos de idade em Lisboa para construir o hotel Alfa. A mãe, portuguesa, foi dona duma galeria de arte e as festas na casa da família em Cascais eram churrascos, regados por bossa nova e frequentados por meio mundo das artes e da arquitectura

d 1 capital. Filha única deste casal culto, cosmopolita e financeiramente desafogado, Joana nunca estudou numa escola portuguesa, ingressando no lugar disso no prestigiado St. Julian's, onde cresceu a falar inglês com miúdos do mundo inteiro. Do que ela mais gostava mesmo era de rabisacar, mas o encarregado de educação achava que a miúda devia jogar pelo seguro. Ela recorda: "A minha coisa era a tela, o carvão, mas tive uma conversa com o meu pai que, sem me obrigar a nada, me aconselhou a seguir Arquitectura – até por uma questão de garantia financeira em relação ao futuro. Fizemos uma longa viagem por Inglaterra, visitámos universidades como Oxford e Cambridge, mas o meu pai – que tem uma formação muito badalada – achou os cursos demasiado artísticos. Acabei por me matricular em Cardiff, na universidade de Gales." Ao quarto ano de curso foi estagiar para um atelier em Munique, fartou-se de acompanhar projectos e aprender rigor, mas aquela disciplina à alemã não era

**Encontrou uma vocação cruzando as dos seus pais: arquitecto e galerista**

para ela: "Cada ano de curso que ia passando, ia sentindo que me agradava mais a parte de conceber projectos, enquanto a outra vertente da construção, pormenorização, desenho técnico e por aí adiante já não me agradava tanto. Voltei para Inglaterra com a intenção de ir para Londres fazer uma coisa mais transversal." Desta festa foram os professores que lhe refrescaram os instintos e ela acabou por ficar mais um ano em Gales, para elaborar um projecto de fim de curso onde pode finalmente dar largas à fantasia: imaginou um museu-aquário, para o Forte da Crismina, um equipamento meio científico, meio feérico

no que hoje é pouco mais que duas filas de ameias arruinadas na marginal do Guincho. Uma vez diplomada, regressou a Portugal para ganhar trabalho no atelier portuense de Tiago Diniz, onde passou um ano a desenhar coisas que nunca chegaram a ser construídas. Era um bom exercício, mas obviamente não um programa de carreira, de modo que Sofia voltou a apanhar o avião para Londres, onde veio a ser contratada para restaurar apartamentos. "É o restaurar, no fim de contas, aquilo que eu mais gosto de fazer. Isso de entrar num espaço decadente ou em ruínas e fazer um trabalho completo de limpeza – de dar espaço ao espaço – e, já agora, caso haja vontade e dinheiro, fazer também um trabalho de intervenção mais artística." Joana descobriu uma nova vocação na metrópole inglesa e quando voltou a Portugal foi para a desenvolver, restaurando interiores como o espaço pomalino onde hoje se encontra sediada a loja dos estilistas Storytellers, em Lisboa. Pelo caminho, chegou-lhe a →



← sua primeira encomenda de arquitectura: "Era um buraco em Cascais, um logradouro de nove metros, que nem sequer se vê da rua. Fiz uma maquete numa caixa de 'corn flakes' numa noite e no dia seguinte o proprietário, pai duma amiga minha, aprovou o projecto."

Até que surgiu a sua grande oportunidade, quando a Benetton abriu candidaturas em Portugal para a prestigiada Fábrica, um misto de centro de pesquisa, criação e escola de design, localizada em Treviso. Sofia apurou-se para o departamento de design a três dimensões e mudou-se para Itália durante os dois anos seguintes (2000-02). "O que eu fui para lá fazer foi 'exhibition design'. Mandaram-me para o Japão para desenhar uma exposição antológica da Fábrica, numa galeria de Tóquio, e depois

também uma instalação para a Semana de Design de Osaca. No segundo ano de estadia na Fábrica fiz uma exposição gigante do António Canova, mas no fim desse ano achei que era altura de voltar."

Sofia regressou a Portugal para assumir funções muito semelhantes às que desempenhava na Fábrica, desta feita na Experimenta Design, mas as exposições que arquitectou para o certame sofreram cortes orçamentais e ela voltou a estar no mercado. Assim chegou à gerência da loja aberta em Setembro passado em Lisboa, na Rua das Flores, pelo Armazém da Arquitectura, empresa de design de interiores em actividade há já uma década em Matosinhos. É uma promoção, mas ela já sonha com voos mais altos: "Estou bem com esta linguagem do Armazém, que é muito sóbria,

Nome	_____
Joana Astolfi	_____
Idade	_____
32 anos	_____
Naturalidade	_____
Lisboa	_____
Profissão	_____
Arquitecta	_____

mas não é exactamente a minha, que é muito mais transversal. Hoje um arquitecto é um 'brand', uma marca e eu vejo cada vez mais a decoração de interiores como instalação, susceptível de se cruzar com a arte e com a arquitectura." É justamente dessa transversalidade que nasceu o mais recente projecto que Joana Astolfi integra, uma associação cultural chamada Puppenhaus (alemão para "casa de bonecas"), que promete estrear-se em 2009 com a exposição temática "A Beleza do Erro", para a qual foram já convidadas duas dezenas de artistas nacionais e outros tantos estrangeiros. ●